

## *O Divino Salvador: A expressão do rosto de Deus*

A dificuldade de se expressar em palavras o cuidado e o carinho de Deus para com seu povo levou Israel a deixar para as gerações futuras o relato de suas experiências, de suas crenças e das mais diversas situações em que a sua fé os levou a contar com o auxílio e a proteção de Deus.

Todo o Antigo Testamento está permeado de um jeito humano de sentir, falar e agir que, quando atribuídos ao Criador, nos faz acreditar, por inúmeras vezes, na imagem de um Deus punitivo e vingador, cuja escolha por um povo parecia excluir a possibilidade da salvação para os demais. É claro que essa linguagem era apenas comparativa e buscava tratar das atitudes e fatos humanos que agradavam ou não a Deus, e é justamente por detrás dessa linguagem, por vezes dura, que um amor incondicional se revela por todos os seus filhos e filhas.

‘Paciente e misericordioso’ é o binômio que aparece, frequentemente, no Antigo Testamento para descrever a natureza de Deus. O fato de Ele ser misericordioso encontra um reflexo concreto em muitas ações da história da salvação, onde a sua bondade prevalece sobre o castigo e a destruição.

Os Salmos, em particular, fazem sobressair esta grandeza do agir divino: ‘É Ele quem perdoa as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades. É Ele quem resgata a tua vida do túmulo e te enche de graça e ternura’. E outro Salmo atesta, de forma ainda mais explícita, os sinais concretos da misericórdia: ‘O Senhor liberta os prisioneiros. O Senhor dá vista aos cegos, o Senhor levanta os abatidos, o Senhor ama o homem justo. O Senhor protege os que vivem em terra estranha e ampara o órfão e a viúva, mas entrava o caminho aos pecadores’.

E, para terminar, aqui estão outras expressões do Salmista: ‘[O Senhor] cura os de coração atribulado e trata-lhes as feridas. (...) O Senhor ampara os humildes, mas abate os malfeitores até ao chão’. Em suma, a misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta, pela qual Ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até ao mais íntimo das suas vísceras. É verdadeiramente caso para dizer que se trata de um amor ‘visceral’. Provém do íntimo como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão<sup>1</sup>.

Ainda no Antigo Testamento, olhemos para a figura de Moisés. Ele teve a oportunidade de se encontrar com o Senhor! E como Ele se manifestara? Como uma sarça ardente, que embora estivesse em chamas

---

<sup>1</sup> Papa Francisco, *Misericordiae Vultus*.

não se consumia (Cf. Ex 3). A simbologia desta passagem nos leva a perceber que Deus, assim como o fogo que envolvia a sarça, é aquele que transforma aquilo que está em sua presença, arrasa, refaz! É o fogo ainda aquele que aquece e ilumina, dando segurança e calor quando a escuridão e o frio nos assolam.

Talvez seja assim que reconhecemos o rosto de Deus, quando somos impelidos a uma transformação em nossa vida, nosso coração arde e inflama pela certeza de que não estamos sozinhos. Não foi isso o que aconteceu quando os discípulos reconheceram em Jesus o rosto de Deus?

*Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?(Lc 24,32).*

Desde o século II, os Padres da Igreja falavam da vida cristã como um “nascimento íntimo e espiritual do Verbo no coração do homem”; falavam, portanto, do ser de Deus encarnado na humanidade e que a partir do acontecimento Jesus, faria de homens e mulheres portadores de uma nova vida.

Partindo daquele que se deu a conhecer, conheceremos a vontade do Pai, conheceremos a vida nova que Deus nos deu por herança: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim (...). Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14).

Todo o ser de Jesus, suas atitudes e ensinamentos, são o caminho para o Pai, conhecê-lo é condição fundamental para o nosso ser cristão, para cumprir com a vontade daquele que é todo amor. Como em Emaús, sentiremos em nosso coração quando nos colocamos a caminho, ou seja, quando, em Jesus, nos fazemos discípulos e seguidores.

José Augusto Neto